

(Texto de introdução da exposição 'MEGA-PóLIS' de Nelson Cardoso na gAD (Galeria AntiksDesign) em Lisboa 2009)

## MEGA-PóLIS

Texto por Paulo Reis

Em Arte e Ilusão, Sir Ernst Gombrich lembra-nos que a história da arte pode ser descrita como o acto de forjar chaves-mestras para abrir fechaduras misteriosas dos nossos sentidos, cuja chave original só a natureza as possui. O historiador admite que o artista não detém o acesso ao mecanismo interno, mas como sua sensibilidade pode apalpar, aqui e acolá, até encontrar as chaves que dão lhe acesso ao interior. Feito isso, aos artistas que vierem posteriormente, bastar-lhes-ia copiar a chave-mestre para acessar esse insondável mistério que é a arte. Gombrich afirma que muitas invenções na história da arte funcionam como abre-te-sésamo para a compreensão de outras criações. Assim, Pablo Picasso seria a chave-mestre para qualquer artista penetrar no interno da arte moderna, pois todas as correntes modernas - do Suprematismo ao Orfismo, do Dadaísmo ao Surrealismo, do Expressionismo a Art Brut - todas, em verdade, são herdeiras do corolário do pintor cubista. De todas as correntes herdeiras do cubismo, o Expressionismo - corrente que frequenta a história da arte desde o surgimento das igrejas românicas e góticas pela sua intensidade expressiva oriunda da distorção - é a vertente que mais sobrevive em novas interpretações, transfigurada qui e acolá em brutalismo, em transvanguarda, em novas feras alemães, em novo expressionismo norte-americano, em má pintura, reinventa-se como uma libélula a cada nova leitura. Não é por demais afirmar que os autênticos precursores do expressionismo apareceram no final do século XIX, os avant la lettre Vincent van Gogh, Paul Gauguin e Edvard Munch que utilizavam cores violentas e linhas fortes para aumentar a intensidade de seus trabalhos.

Mas é na colagem cubista que a matriz expressionista busca a forma do fazer sendo que neste calderão, deve-se incluir ainda as figuras de Ernst Ludwig Kirchner, Erich Heckel e Karl Schmidt-Rottluff, fundadores do grupo die Brücke (A ponte). Emil Nolde, Müller e Max Pechstein aderiram ao movimento e, em 1912, fizeram uma exposição colectiva aliados a um grupo de Munique denominado Der Blaue Reiter (O cavaleiro azul), do qual faziam parte os pintores alemães Franz Marc, August Macke e Heinrich Campendonk, o suíço Paul Klee e o russo Wassily Kandinsky. Esta primeira fase do Expressionismo Alemão foi marcada por uma visão satírica da burguesia e forte desejo de representar emoções subjetivas. A fase seguinte do Expressionismo chamou-se Die neue Sachlichkeit (Nova Objetividade) e surgiu junto com a desilusão reinante após a I Guerra Mundial. Fundada por Otto Dix e George Grosz, foi marcada pelo pessimismo existencial e por uma atitude irónica e cínica diante da sociedade. Este período do Expressionismo transformou-se em movimento internacional, podendo-se perceber a influência dos alemães no trabalho de artistas de várias partes do mundo, entre eles, os austríacos Oskar Kokoschka e Egon Schiele, os franceses Georges Rouault e Chaïm Soutine. Penso que o melhor lugar para reivindicar o visual continua sendo a história da arte, pois não há espaço para o artista sem a matriz da história da visualidade, não há lugar para interpretação da obra sem o pilar de sustentação deste edifício chamado arte. Mesmo que sejam possíveis outras leituras, extraídas de outras disciplinas das ciências sociais (não há aqui nenhuma crítica a sociologia ou a antropologia ou a psicologia da arte), é de todo impossível fugir a história, efectivamente à história da arte. Para ver a obra de Nelson Cardoso é preciso conjugar história das experiências artísticas, recortar seu universo neo barroco de imagens apanhadas ao acaso, pois sua forma de criar é através de inputs que o mundo lhe oferece. Através da colagem de imagens apanhadas no lixo, do resto, do refugo, do que não presta mais ao mundo. E daí que o artista retira imagens sob forma de signos, significados, significantes e devolve ao mundo como objecto artístico. É ao mesmo tempo seu vocabulário e sua sina errante de artista urbano e noturno, demiúrgico, afinal "ver é pensar. Olhar não é

pensar. Ver é a conjugação perfeita dos cinco sentidos. O primeiro sentido é olhar. Cada um dos sentidos é primeiro de cada vez nesta conjugação dos cinco. Assim mesmo a conjugação é ver", assim Almada Negreiros justifica a intermediação do acto da criação. Entre o criador e o espectador, o mundo. Pois o artista é, nas palavras de Schopenhauer, aquele que nos empresta seus olhos para ver o mundo. Paulo Reis